

12 milhões de livros vendidos

KRISTIN C
HANNAH C

As cores da vida

“Uma história bela e cativante
sobre amor e rivalidade,
família e comunidade.”

Booklist





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Para as mulheres que entraram para nossa família e nos iluminaram
com sua presença: Debra Edwards John e Julie Gorset John.*

*Para duas amigas, Julie Williams e Andrea Schmidt. Vocês me
fizeram rir nos momentos mais enlouquecedores e eu agradeço por isso.*

*E, como sempre, para Benjamin e Tucker, sem os quais
eu saberia muito menos sobre a vida, o amor e a alegria.*

PARTE I



Antes

O que é paixão? Certamente é a formação de uma pessoa...

Na paixão, o corpo e o espírito procuram expressão...

Quanto mais extrema e mais demonstrada é uma paixão, mais insuportável a vida parece sem ela. Isso nos lembra que, se a paixão morre ou nos é negada, estamos parcialmente mortos e que, não importa o que aconteça, logo estaremos mortos por completo.

– JOHN BOORMAN, DIRETOR DE CINEMA

PRÓLOGO



1979

O rancho de frente para o canal pertencia à família havia quatro gerações. Winona Grey agora o observava procurando algo que tivesse mudado. Uma perda como a deles deveria deixar uma marca – a grama do verão ficando marrom de repente, nuvens escuras que se recusassem a ir embora, uma árvore rachada por um raio. Alguma coisa.

Da janela de seu quarto, podia ver grande parte dos hectares. No limite aos fundos da propriedade, cedros gigantes se apinhavam, com ramos que pareciam feitos de renda pendendo de seus galhos; nos pastos ondulantes e verdejantes, cavalos perambulavam ao longo das cercas, seus cascos castigando a grama alta até torná-la lamacenta. Colina acima, no meio do bosque fechado, ficava a pequena cabana que seu bisavô construía ao se estabelecer naquela terra.

Tudo parecia normal, mas, mesmo aos 15 anos, Winona sabia que não era bem assim. Alguns anos antes, uma criança havia morrido nas águas frias da costa de Washington, não muito longe dali, e durante meses só se falara na tragédia. A mãe de Winona a puxara de lado e alertara sobre os perigos invisíveis, correntes submarinas que podiam fazer alguém se afogar mesmo em águas rasas, mas agora ela sabia que havia outras ameaças escondidas sob a superfície da vida cotidiana.

Dando as costas para a vista de sua janela, desceu as escadas e se descobriu em uma casa que parecia excessivamente grande e silenciosa desde o dia anterior. Sua irmã Aurora estava sentada, encolhida, lendo no sofá xadrez azul e amarelo. Magra como um graveto, aos 14 anos, Aurora estava naquele estágio esquisito que não era nem infância nem fase adulta. Seu queixo era pequeno e saliente e os cabelos castanhos, repartidos ao meio, desciam longos e lisos.

– Acordou cedo, Broto – disse Winona.

Aurora ergueu o olhar.

– Não consegui dormir.

– É. Nem eu.

– Vivi Ann está na cozinha. Estava chorando uns minutos atrás. Eu ouvi, mas... – Ela deu de ombros. – Não sei o que dizer.

Winona sabia quanto Aurora precisava que a vida fosse estável; ela era a pacificadora da família, a que tentava amenizar as coisas e deixar tudo bem. Não era de estranhar que parecesse tão frágil. Nenhuma palavra bonita poderia consolá-las no momento.

– Eu vou lá – afirmou Winona.

Ela encontrou a irmã de 12 anos debruçada sobre a mesa de fórmica amarela, fazendo um desenho.

– Olá, Feijãozinho – falou, bagunçando os cabelos da irmã.

– Olá, Ervilha.

– O que você está fazendo?

– Um desenho da gente. – Ela parou de desenhar e inclinou a cabeça para olhar para cima. Seus cabelos louros cor de trigo estavam embaraçados e os olhos verdes, vermelhos de tanto chorar. Ainda assim, ela era linda: uma perfeita boneca de porcelana. – A mamãe vai conseguir ver do céu, não vai?

Winona não sabia o que responder. A fé sempre havia chegado a ela com facilidade antes, algo natural e que não demandava esforço, como respirar, mas não era mais assim. O câncer havia entrado em sua família e estilhaçado sua fé em tantos pedaços que parecia impossível que voltassem a ser um todo novamente.

– É claro – disse ela com tristeza. – Vamos colocar na porta da geladeira.

Ela se afastou da irmã, mas se arrependeu na mesma hora. Nessa cozinha, as lembranças de sua mãe estavam em todos os lugares – no canário feito à mão e nas cortinas azuis de algodão, no ímã que dizia *Mamãe da Montanha* colado à porta do refrigerador, na tigela de conchas no parapeito da janela. *Vamos, Winnie, vamos até a praia procurar por tesouros...*

Quantas vezes Winona havia deixado sua mãe de lado no verão? Estava ocupada demais para ficar com ela, era descolada demais para vasculhar a praia à procura de pedaços de vidro quebrado em meio a conchas de ostras estilhaçadas e algas secas.

Aquele pensamento a levou até a geladeira. Abrindo a porta do congelador, encontrou um pote de 2 litros de sorvete napolitano. Era a última coisa de que precisava, mas não conseguiu se conter.

Pegou uma colher, se debruçou no balcão e começou a comer. Pela janela da cozinha, podia ver a estrada de terra na frente da fazenda e o curral vermelho e desgastado na clareira. Lá em cima, a velha picape azul do pai estava de

costas para o trailer enferrujado da família, com capacidade para seis cavalos. Ele saiu do banco do motorista e foi para a traseira do carro, verificar o engate com o trailer.

– Não me diga que vai para o rodeio – resmungou Winona, dando um passo à frente.

– É claro que vai – respondeu Vivi Ann, tornando a desenhar. – Levantou bem cedinho para preparar tudo.

– Rodeio? Está brincando. – Aurora entrou na cozinha e ficou ao lado de Winona na janela. – Mas... como ele pode?

Winona sabia que deveria assumir o papel de mãe e explicar por que não havia problema em seu pai retomar a vida cotidiana no dia seguinte ao enterro da esposa, mas não conseguia se imaginar criando uma mentira dessa magnitude, nem mesmo para aliviar a dor de suas irmãs. Ou talvez não fosse mentira – talvez fosse o que os adultos fizessem, talvez apenas seguissem em frente – e de algum modo aquilo era ainda mais assustador, ainda mais impossível de ser expressado em palavras. O silêncio prolongado deixou Winona desconfortável; ela não sabia o que dizer, como tornar aquilo suportável, no entanto, ao mesmo tempo, sabia que era sua obrigação fazer exatamente aquilo. Uma irmã mais velha tinha que cuidar das mais novas.

– Por que ele está tirando a Clem do pasto? – perguntou Aurora, pegando a colher de Winona e enterrando no sorvete.

Vivi Ann fez um som que era parte choro, parte grito e correu para a porta, empurrando-a com tanta força que ela bateu na parede.

– Ele vai vender a égua da mamãe – deduziu Winona, bruscamente.

Ficou irritada por não ter sido a primeira a perceber.

– Ele não faria isso – falou Aurora, e então olhou para Winona em busca de confirmação. – Faria?

Winona não podia confirmar nada. Em vez disso, fez como Vivi Ann e correu. Quando chegou ao estacionamento ao lado do galpão, estava sem fôlego. Parou, dando uma derrapada, ao lado de Vivi Ann.

Seu pai estava lá, segurando as rédeas de Clem. A luz do sol atingia a parte de cima, manchada de suor, de seu chapéu de caubói e se refletia na fivela de prata do tamanho de um pires que o homem usava no cinto. Seu rosto de traços marcantes fazia Winona lembrar da montanha que havia ali perto: superfícies de granito plano e sulcos sombreados. Não havia a menor suavidade ali.

– Não pode vender a égua da mamãe – disse ela, bastante ofegante.

– Vai me dizer o que fazer, Winona? – respondeu ele, deixando o olhar se demorar por apenas um instante no sorvete.

Ela sentiu as bochechas corarem. Seria preciso toda a sua coragem para falar, mas ela não tinha escolha. Não havia mais ninguém para fazer isso por ela.

– Ela ama... amava essa égua.

– A gente não tem condições de alimentar uma égua que não é montada.

– Eu vou montar – prometeu Winona.

– Você?

– Vou me esforçar mais do que antes. Não vou ficar com medo.

– E por acaso a gente tem alguma sela para o seu tamanho?

No silêncio excruciante que se seguiu, Winona avançou e pegou as rédeas da mão do pai. Mas o movimento foi muito rápido, ou ela falou muito alto – alguma coisa assim – e Clementine recuou, afastando-se de lado. Winona sentiu a ardência de uma queimadura quando a corda correu pela palma de sua mão. Cambaleou para o lado, quase caindo.

E então Vivi Ann estava ao lado dela, controlando Clementine com uma palavra, um toque.

– Você está bem? – sussurrou ela para Winona quando a égua se acalmou novamente.

Winona estava constrangida demais para responder. Ela sentiu seu pai caminhando na direção delas, ouviu suas botas de caubói afundando na lama. Ela e Vivi Ann se viraram lentamente para olhar para ele.

– Você não tem jeito com cavalos, Winona – disse o homem.

Era uma coisa que ela havia escutado dele a vida toda. Vinda de um caubói, era uma observação extremamente incisiva.

– Eu sei, mas...

Ele não estava escutando o que ela dizia. Estava olhando para Vivi Ann. Algo parecia se passar entre eles, uma comunicação que Winona não conseguia captar.

– É uma égua destemida. E jovem também. Não é qualquer um que consegue lidar com ela – afirmou o pai.

– Eu consigo – disse Vivi Ann.

Era verdade e Winona sabia. Vivi Ann, aos 12 anos, era mais ousada e mais corajosa do que Winona jamais seria.

A inveja a atingiu como o golpe seco de um elástico de borracha. Ela sabia que era errado – até mesmo cruel –, mas quis que seu pai rejeitasse Vivi Ann, cortasse a filha mais linda que tinha com a lâmina afiada de sua reprovação.

Em vez disso, ele disse:

– Sua mãe ficaria orgulhosa. – E entregou a áspera rédea azul a Vivi Ann.

Como se estivesse distante, Winona observou os dois saindo juntos. Disse a

si mesma que não importava, que tudo o que queria era impedir que Clem fosse vendida, mas as mentiras eram um consolo frio.

Ouviu Aurora chegar a seu lado, subindo a colina agora que o drama havia terminado.

– Você está bem?

– Estou.

– O que importa é que ele não vendeu a Clem.

– É – disse Winona, desejando que a irmã visse a situação do jeito como a descrevia. – O que me importa quem vai montar a égua?

– Exatamente.

Mas anos depois, quando se lembrava daquela semana da morte da mãe, Winona via como aquela única ação – a entrega das rédeas – havia mudado tudo. Daquele dia em diante, a inveja se tornara uma corrente submarina, movendo-se em espirais sob a vida delas. Mas ninguém percebera. Não naquele momento, pelo menos.

UM



1992

O dia pelo qual Vivi Ann esperava – 25 de janeiro – pareceu demorar uma eternidade para chegar. Quando finalmente chegou, ela acordou ainda mais cedo do que de costume. Bem antes de o raiar do dia iluminar o céu, ela saiu de debaixo das cobertas e levantou da cama. Na escuridão fria de seu quarto, vestiu um macacão térmico e um gorro de lã. Pegou um par de velhas luvas de couro, calçou as botas de borracha e saiu.

Tecnicamente, não precisava alimentar os cavalos. O novo peão da fazenda faria isso. Mas já que estava empolgada demais para dormir, imaginou que podia fazer alguma coisa útil.

Sem a lua para guiá-la, não conseguia enxergar nada além da imagem fantasmagórica e prateada da própria respiração, mas se havia alguma coisa que Vivi Ann conhecia neste mundo, era o contorno das terras de seu pai.

Water's Edge.

Mais de cem anos antes, seu bisavô havia se estabelecido na propriedade e fundado a cidade de Oyster Shores, ali perto. Outros homens tinham escolhido áreas mais fáceis e mais populosas, com mais facilidade de acesso, mas não Abelard Grey. Ele havia cruzado as perigosas planícies para chegar ali, tinha perdido um filho em um ataque de índios e outro para a gripe, mas continuara seguindo para oeste, atraído por um sonho até esse canto selvagem e isolado do estado de Washington. As terras que escolhera, 50 hectares entre as águas azuis e mornas do canal Hood e uma encosta arborizada, eram espetacularmente lindas.

Ela seguiu pelo pequeno aclave na direção do celeiro que tinham construído havia dez anos. Sob um teto alto de madeira, uma grande arena de equitação era delimitada por uma cerca de quatro vigas; doze baias ocupavam os lados leste e oeste da estrutura. Depois que abriu a enorme porta de correr, o acendimento da parte de cima do lugar foi acompanhado de um som parecido com o de dedos estalando e os cavalos instantaneamente ficaram inquietos, relinchando

para deixar claro que estavam com fome. Durante a hora seguinte, ela separou porções de feno dos fardos amontoados no telheiro, empilhou-as no carrinho de mão enferrujado e seguiu pelos corredores de cimento irregular. Na última baía, uma placa de madeira feita sob medida identificava sua égua pelo nome de registro, raramente usado: Clementine's BlueRibbon.

– Olá, menina – disse ela, desferrolhando a porta de madeira e deslizando-a para o lado.

Clem relinchou baixinho e andou na direção dela, roubando um bocado de feno do carrinho de mão.

Vivi Ann jogou duas porções no comedouro de ferro e fechou a porta ao sair. Enquanto Clem comia, a jovem ficou ao lado dela, passando a mão no pescoço sedoso da grande égua.

– Está pronta para o rodeio, menina?

Clem bateu com o focinho no corpo de Vivi Ann em resposta, quase derrubando-a.

Desde a morte de sua mãe, Vivi Ann e Clementine haviam se tornado inseparáveis. Durante um bom período, quando o pai parara de falar e começara a beber e Winona e Aurora estavam ocupadas com o ensino médio, Vivi Ann tinha passado a maior parte do tempo com a égua. Às vezes, quando o sofrimento e o vazio eram demais para ela aguentar, a menina escapava do quarto e corria para o celeiro, onde pegava no sono sobre a serragem perto dos cascos de Clem. Mesmo depois que Vivi Ann ficou mais velha e se tornou popular, ainda considerava a égua sua melhor amiga. Seus segredos mais profundos só haviam sido partilhados ali, nos confins de cheiro adocicado da última baía do corredor leste.

Ela acariciou o pescoço de Clem pela última vez e saiu do celeiro. Quando chegou em casa, o sol era um borrão de luz amarela no céu cinza-carvão do inverno. Daquele ponto privilegiado, podia ver as águas cor de aço do canal e os picos recortados, cobertos de neve, das montanhas distantes.

Quando entrou na casa escura, ouviu o estalo revelador das tábuas de madeira e soube que seu pai havia acordado. Entrou na cozinha, pôs a mesa para três pessoas e começou a preparar o café da manhã. Assim que colocou um prato de panquecas no forno para aquecer, escutou-o entrar na sala de jantar. Ela serviu uma xícara de café, colocou uma colher de açúcar e levou para ele.

Ele pegou a xícara da mão da filha sem tirar os olhos de sua revista preferida sobre montarias.

Ela ficou ali parada por um instante, pensando no que poderia dizer para dar início a uma conversa.

Vestido com as roupas de trabalho de sempre – calça jeans surrada e camisa

de flanela xadrez, com uma enorme fivela prateada no cinto e luvas de couro enfiadas no cóis da calça –, ele estava igual a todas as manhãs. E, ainda assim, havia algo diferente: uma sutil coleção de linhas de expressão ou rugas que envelheciam seu rosto.

Os anos que sucederam a morte da esposa não foram gentis com ele, acentuando seus traços e acrescentando sombras onde não havia, tanto nos olhos quanto nas bolsas inchadas sob eles. Sua coluna estava curvada; era a marca de um ferrador de cavalos, ele dizia, o resultado natural de uma vida toda martelando pregos em cascos de cavalos, mas a perda também havia desempenhado um papel na curvatura de sua coluna. Vivi Ann estava certa disso. O peso de uma solidão inesperada havia mudado sua forma da mesma maneira que as horas que passava curvado no trabalho o tinham feito. Ele só ficava ereto quando estava em público, e ela sabia quanto era doloroso para ele aparentar que não havia se deixado abater pela vida.

Ele se sentou à mesa e ficou lendo a revista enquanto Vivi Ann preparava e servia o café da manhã.

– Clem fez umas corridas incríveis nos treinos deste mês – disse ela, ocupando seu lugar na frente dele. – Acho que temos mesmo chance de ganhar o rodeio no Texas.

– Cadê a torrada?

– Eu fiz panquecas.

– Ovos fritos precisam de torradas. Você sabe disso.

– Misture com as batatas. Estamos sem pão.

O pai suspirou alto, obviamente irritado. Olhou de forma incisiva para o lugar vazio na mesa.

– Viu Travis hoje de manhã?

Vivi Ann olhou pela janela na direção do celeiro. Não havia sinal do ajudante da fazenda em lugar nenhum. Nenhum trator em funcionamento, nenhum carrinho de mão perto da porta do celeiro.

– Eu já dei comida aos cavalos. Ele deve ter saído para consertar aquela cerca.

– Mais um belo empregado que você escolhe! Se parasse de resgatar todos os cavalos feridos que encontra daqui até a cidade de Yelm, não precisaríamos de nenhuma ajuda aqui na fazenda. E a verdade é que não temos condições de pagar.

– Falando em dinheiro, pai... preciso de 300 paus para o rodeio esta semana e a lata de café está vazia.

Ele não respondeu.

– Pai?

– Precisei usar o dinheiro para pagar a conta do feno.

– Já acabou?

– Os impostos chegaram também.

– Então estamos com problemas – disse Vivi Ann, franzindo a testa.

Ela já tinha ouvido isso antes, é claro, sempre soube que não havia muito dinheiro, mas pela primeira vez aquilo a atingiu de verdade. De repente entendeu por que Winona estava sempre falando em economizar para os impostos. Ela encarou o pai. Ele estava inclinado para a frente, com os cotovelos sobre a mesa. Suas irmãs considerariam a postura uma grosseria; Vivi Ann tinha certeza de que não era bem isso.

– Suas costas estão doendo de novo?

Ele não respondeu, nem ao menos tomou conhecimento da pergunta.

Ela se levantou, foi à cozinha e pegou o anti-inflamatório para ele. Colocou os comprimidos cuidadosamente sobre a mesa, entre eles dois.

As mãos largas de ferrador se fecharam sobre o remédio.

– Vou dar um jeito de conseguir o dinheiro, pai. E vou ganhar esta semana. Talvez 2 mil. Não se preocupe.

Eles acabaram a refeição em silêncio, ele lendo a revista. Quando ele terminou, afastou-se da mesa e se levantou. Pegando o chapéu de caubói de feltro marrom manchado de suor que ficava pendurado em um gancho perto da porta, ele disse:

– Me deixe orgulhoso.

– Vou deixar. Tchau, pai.

Depois que ele saiu, Vivi Ann ficou ali sentada, sentindo-se inquieta.

Durante a maior parte de seus 24 anos, ela tinha sido como uma folha sobre a água, apenas boiando, seguindo a corrente. Tentara mudar de direção algumas vezes, mas todas as tentativas (como a faculdade local) haviam chegado ao fim rapidamente e ela sempre voltava para aquelas terras.

Amava aquele lugar descomplicado e simples. Adorava ficar com os cavalos, treiná-los e passar sua experiência para as meninas de olhos brilhantes que idolatram suas habilidades de equitação. Amava o fato de todos na cidade saberem quem ela era e respeitarem a ela e a sua família. Amava até o clima. Muita gente reclamava dos dias cinzentos que se sucediam, um após o outro, de novembro a abril, mas ela não se importava nem um pouco. Sem chuva não há arco-íris. Esse era seu lema desde os 12 anos, quando era uma menina ao lado de um túmulo recém-aberto, tentando dar sentido a uma perda incompreensível. Desde então, dizia a si mesma que a vida era curta e que o que importava era se divertir.

Agora, no entanto, era hora de crescer. Water's Edge precisava dela daquela vez, e não o contrário. Ela não tinha muita certeza de como mudar. Negócios

e planejamento não eram seu forte, mas ela era mais esperta do que as pessoas acreditavam que fosse. Tudo o que ela precisava era pensar a respeito.

No entanto, primeiro precisava pedir 300 dólares emprestados para uma de suas irmãs.

Ela diria que seria um bom investimento.



Winona adorava comandar o show. Qualquer show; todos os shows. E não dos bastidores. Na faculdade, só foi preciso uma aula de direito constitucional e ela vislumbrou seu futuro. Agora, aos 27 anos, sua vida era praticamente como havia desejado. Não completamente, é claro (não era casada, não estava namorando, não tinha filhos e lutava contra o peso), mas quase. Ela era, de longe, a advogada mais bem-sucedida de Oyster Shores. Era de conhecimento geral que ela era justa, obstinada e inteligente. Todos diziam que era uma boa pessoa para se ter ao lado. Winona valorizava sua reputação quase tanto quanto sua educação. Seu pai e Vivi Ann podiam idolatrar as próprias terras, mas Winona tinha uma religião mais abrangente. Para ela, o que importava era a comunidade e as pessoas que viviam ali. Tudo bem que Vivi Ann fosse o belo coração da cidade; Winona se esforçava para ser sua consciência.

Ela pegou o interfone sobre a mesa e apertou o botão.

– O conselho estará aqui em dez minutos, Lisa. Certifique-se de que temos café suficiente.

A recepcionista respondeu prontamente:

– Já fiz isso.

– Ótimo.

Winona voltou sua atenção para a pilha fina de documentos à sua frente. Havia alguns relatórios ambientais, uma proposta de loteamento e um contrato de venda de propriedade que ela havia redigido.

Aquilo podia salvar Water's Edge.

Bem, talvez fosse um pouco de exagero; o rancho não estava à beira de um colapso financeiro nem nada do tipo. Estava mais como um daqueles cavalos famintos e patéticos que Vivi Ann continuava a resgatar: mancando. Todo mês, seu pai e Vivi Ann mal ganhavam o suficiente para manter o lugar funcionando e os impostos continuavam a aumentar. Aquele canto secreto do estado de Washington ainda não havia sido “descoberto” pelos riquinhos, que transformavam terrenos acidentados de frente para a praia em ouro, mas era apenas uma questão de tempo. Em breve, alguma construtora perceberia que

sua cidade adormecida ficava em uma faixa de praia espetacular com vista para as montanhas Olympic, que tinha um visual parecido com os Alpes suíços. E quando isso acontecesse, seu pai se veria sobre 50 desejáveis hectares. O aumento dos impostos o obrigaria a vender as terras ou faria com que ele as perdesse e ninguém parecia se dar conta da inevitabilidade desse futuro além dela. Coisas assim já tinham acontecido por todo o estado.

Ela rabiscou umas anotações em seu bloco amarelo, palavras para usar ao conversar com ele. Era fundamental que ele entendesse a importância daquilo, como ela havia encontrado uma forma de salvá-lo e protegê-lo. Igualmente fundamental era que ela resolvesse o problema. Talvez então, enfim, seu pai tivesse orgulho dela.

O interfone tocou.

– Eles chegaram, Winona.

– Leve-os à sala de reunião.

Winona colocou os documentos em uma pasta e pegou seu blazer azul. Ao vesti-lo, notou que estava mais apertado no busto. Suspirando, seguiu para a sala de reunião.

Seu escritório ficava em uma grande mansão vitoriana em um terreno de esquina no centro de Oyster Shores. Ela havia comprado o imóvel fazia quatro anos e vinha reformando cômodo por cômodo. Todo o andar de baixo estava pronto. Não conseguiria receber pessoas sabendo que elas estariam avaliando suas salas e considerando-as incompletas. No ano seguinte, começaria a residência no andar de cima. Já tinha economizado quase toda a quantia necessária.

No corredor, parou diante de um espelho durante um tempo longo o bastante apenas para avaliar seu reflexo: um rosto bonito e rechonchudo, olhos castanho-escuros sob sobrancelhas pretas arqueadas, lábios cheios, os ombros de um jogador de futebol americano e busto suficiente para três mulheres. Os longos cabelos negros, sua única característica marcante, estavam puxados para trás e presos com um prendedor branco e azul.

Forçando um sorriso, ela seguiu em frente e entrou no que antes havia sido um solário. Janelas de vidro do chão ao teto e um par de portas de sacada antigas cobriam a parede dos fundos. Através dos painéis retangulares dava para ver o jardim escurecido pelo inverno, e atrás dele ficavam os prédios de tijolo e madeira ao longo da Front Street. No centro da sala havia uma mesa de carvalho comprida. Os membros do conselho municipal de Oyster Shores estavam sentados em volta dela, inclusive seu pai, que tecnicamente não pertencia ao conselho, mas ainda assim era convidado para todas as reuniões.

Winona sentou-se em seu lugar de costume, à cabeceira da mesa.

– Como posso ajudá-los?

Ao lado dela, Ken Otter, o dentista da cidade, dava um grande sorriso. Ele sempre sorria; dizia que era propaganda grátis.

– Queremos falar sobre o que está acontecendo na reserva.

A reserva de novo.

– Eu já falei para vocês, não dá para impedi-los. Eu acho...

– Mas é um *cassino* – exclamou Myrtle Michaelian. Seu rosto redondo ficava vermelho só de pensar no assunto. – Com certeza virá a prostituição depois. Os índios estão...

– Pare – disse Winona com firmeza. Ela olhou em volta da mesa, observando cada pessoa por um longo instante antes de passar para a próxima. – Em primeiro lugar, são nativos americanos e ninguém tem direito de impedi-los de construir um cassino. Podem gastar dinheiro lutando contra eles, mas vão perder.

Eles discutiram durante alguns minutos, depois a menção ao dinheiro que seria gasto acabou por desmotivá-los. No final, a discórdia morreu como um motor afogado e eles se levantaram para sair, agradecendo-lhe por poupar seu dinheiro e ajudá-los.

– Pai – chamou ela. – Pode ficar mais um pouco?

– Preciso estar em Shelton em 45 minutos.

– Não vai demorar.

Ele acenou de leve com a cabeça em sinal de concordância, apenas um movimento do queixo, na verdade, e ficou lá, de braços cruzados, enquanto os membros do conselho saíam. Quando todos se foram, Winona voltou para o seu lugar à cabeceira e se sentou, abrindo a pasta. Ao olhar para a papelada, não conseguiu deixar de sentir uma onda de orgulho. Era um bom plano.

– É sobre Water's Edge – anunciou ela, finalmente olhando para a frente.

Não se preocupou em pedir que ele se sentasse. Já havia aprendido esta lição: Henry Grey se movia quando e para onde queria. Ponto final. Tentar influenciar isso só fazia a pessoa parecer uma boba.

Ele resmungou alguma coisa. Ela não achou que fosse uma palavra.

– Sei como suas finanças estão apertadas no momento, mas muita coisa em Water's Edge precisa ser consertada. As cercas estão ruins, o telheiro está começando a cair e qualquer dia alguém vai se perder dentro da lama do estacionamento se não arrumarmos uma motoniveladora e espalharmos um pouco de cascalho. E nem vou começar a falar sobre os impostos. – Ela empurrou o mapa de loteamento na direção dele. – A gente pode vender os 4 hectares ao longo da estrada. Bill Deacon está disposto a pagar 55 mil dólares por eles imediatamente, ou podemos lotear em partes de 1 hectare e dobrar o

preço. De um jeito ou de outro, a gente consegue ganhar dinheiro suficiente para sustentá-lo durante anos. Só Deus sabe quanto você deve estar cansado de colocar ferraduras em sete cavalos por dia, todos os dias. – Ela sorriu para ele. – É perfeito, não é? Quero dizer, você mal consegue cuidar daqueles hectares. Nem vai sentir falta deles e...

Seu pai saiu da sala, batendo a porta com força.

Winona se encolheu com o barulho. Por que havia se permitido ter esperanças? *Mais uma vez*. Ela ficou olhando para a porta fechada, balançando a cabeça, imaginando por que uma mulher inteligente como ela continuava a meter o pé na mesma poça de lama e a esperar que estivesse seca. Ela era uma idiota por ainda querer a aprovação do pai.

– Você é uma débil mental – resmungou para si mesma. – E patética.

O interfone sobre a mesa tocou alto, arrancando-a de seus pensamentos.

– Luke Connelly na linha um, Winona.

Ela apertou o botão vermelho.

– Você disse Luke Connelly?

– Sim. Linha um.

Winona respirou bem fundo para se acalmar, pegou o fone e atendeu.

– Winona Grey.

– Ei, Win, aqui é o Luke Connelly. Lembra de mim?

– É claro que me lembro de você. Como está Montana?

– Fria e branca no momento, mas eu não estou lá. Estou aqui, em Oyster Shores. Quero me encontrar com você.

Ela retomou o fôlego.

– É mesmo?

– Todo mundo diz que você é a melhor advogada da cidade... não que eu esteja surpreso. Estou pensando em comprar metade da clínica veterinária do Dr. Moorman e queria conversar com você sobre os termos. Pode ser?

– Ah. Você precisa de um advogado. – Ela se recusou a ficar decepcionada. – Claro.

– Pode vir aqui em casa amanhã? Estou até o pescoço de trabalho por aqui. Os últimos inquilinos deixaram uma tremenda bagunça. Então, o que me diz? A gente pode tomar uma cerveja. Será como nos velhos tempos.

– Que tal às quatro da tarde? Ouvi dizer que essa é a boa hora da cerveja.

– Perfeito. E, Win, mal posso esperar para ver você.

Ela desligou o telefone devagar; era como se o ar tivesse ficado com a mesma resistência da água, dificultando seu movimento. *Mal posso esperar para ver você*. Ela se levantou e saiu da sala de reunião, indo em direção à sala de espera,

onde Lisa estava sentada atrás de uma antiga mesa de jantar, datilografando uma carta em sua enorme máquina de escrever IBM Selectric.

– Vou sair – disse Winona. – É uma emergência. Volto em uma hora.

– Vou reagendar a Ursula.

– Ótimo.

Winona deixou seu escritório silencioso e caminhou pela calçada, seguindo a faixa de cimento por duas quadras até a casa de tijolos aparentemente conservada de sua irmã.

Chegando lá, abriu o imaculado portão de madeira do jardim dos fundos de Aurora e foi bater à porta.

Aurora demorou uma eternidade para atender e, quando finalmente abriu a porta, parecia atormentada. Uma criança de 4 anos em cada braço; um menino e uma menina.

– Por pouco não encontrou com Vivi Ann. Ela pediu 300 pratas emprestadas para o rodeio. Disse que era um investimento.

– Na maior cara de pau?

Aurora sorriu.

– Você conhece a Vivi. Coisas boas sempre acontecem com ela.

Winona revirou os olhos, mesmo que ambas soubessem que era verdade. A irmã mais nova parecia viver em um raio de sol que excluía todos os outros.

– Ela foi para o Texas?

– Acabou de sair. Espero que a velha caminhonete aguentar.

– Se enguiçar, ela vai encontrar o Tom Cruise na oficina.

Winona passou pela irmã e entrou na área de serviço pequena e bagunçada, onde pilhas de roupas dobradas ocupavam todas as superfícies.

– Podemos falar de mim, para variar?

– Vamos, crianças – disse Aurora atrás dela. – A tia Winona está louca hoje. Deem bastante espaço para ela. Nunca se sabe quando ela vai explodir.

– Muito engraçado.

Aurora levou Ricky e Janie para o andar de cima e colocou os dois para tirar uma soneca ou ver televisão ou o que quer que mães fizessem com gêmeos de 4 anos no fim da tarde. Quinze minutos depois, desceu novamente.

– Certo, o que está acontecendo? – perguntou, parada no meio da sala.

Estava vestindo jeans pretos justos, mocassins e uma jaqueta de corte reto com ombreiras gigantes. Seus cabelos castanhos e lisos estavam presos em uma trança embutida. A franja se avolumava sobre sua testa como um pequeno toldo.

Agora que Aurora havia perguntado diretamente, Winona estava relutante em revelar o verdadeiro motivo de ter corrido até ali. Esquivando-se, disse:

– Eu falei para o papai que a gente devia vender os 4 hectares dos fundos ou loteá-los e depois vendê-los.

– É, bem, você não aprende.

– Water’s Edge está indo para o buraco. Por que outro motivo Vivi Ann teria que pedir dinheiro emprestado? E já notou como aquele lugar está decadente?

Aurora se sentou em seu novo sofá cinza e malva.

– Você não pode dizer para ele vender as terras, Win. O homem preferiria vender um rim.

– São poucos hectares que não dá nem para ver e que poderiam garantir segurança financeira a ele.

Aurora se recostou, tamborilando com as longas unhas vermelhas sobre a mesinha de mogno envernizado a seu lado.

– Você sabe que tinha que falar comigo ou com Vivi antes de fazer uma coisa dessas.

– Não tinha...

– Já sei: você se acha mais esperta do que nós e pensa que é sua responsabilidade cuidar de todos por ser a mais velha, mas para ser sincera, Win, quando você coloca uma coisa na cabeça, não enxerga a situação como um todo.

– Eu só estava tentando ajudar.

Winona se sentou sobre a lareira de tijolos cor de salmão. Um instante depois, levantou-se e foi até a janela. Dali, podia ver o quintal de Aurora, todo adaptado para crianças, e as casas atrás dele.

Aurora franziu a testa.

– Não vejo você tão agitada desde que foi convidada por Tony Gibson para viajar no fim de semana.

– Prometemos nunca falar sobre isso.

– *Você* prometeu. Como posso esquecer da imagem dele tirando a roupa até ficar de calcinha?

Winona não aguentava mais. Ela soltou:

– Luke Connelly me ligou hoje.

– Uau. Essa foi direto do túnel do tempo. A última vez que ouvi falar dele foi quando saiu da faculdade de veterinária.

– Ele está de volta à cidade e pensando em comprar parte da clínica do Dr. Moorman. Quer que eu dê uma olhada nos documentos.

– Ele ligou para você como advogada?

– Foi o que ele disse. – Winona respirou fundo e finalmente se virou de frente para a irmã. – E também disse que estava ansioso para me ver.

– Ele sabe que você tinha uma queda por ele?

Queda. Era uma palavra bonita e pequena para o que ela sentia, mas certamente não contaria isso a Aurora. Em vez disso, falou:

– Vou me encontrar com ele às quatro da tarde amanhã. Acha que pode me ajudar a ficar bonita? Sei que é uma tarefa hercúlea, mas...

– É claro – respondeu Aurora, sem sorrir.

– O que foi? – perguntou Winona. – Está me olhando com aquela cara de quem acha que tem algo errado.

– Eu não vou dizer nada. Certo, vou apenas fazer uma pergunta. Sobre Luke, está bem? Só Luke.

– O que você quer dizer?

– O papai sempre quis a terra da família Connelly. Não finja que não sabe disso. E ele gostava deles.

– Você acha que eu sairia com alguém para conseguir a aprovação do papai?

– Às vezes eu acho que você faria praticamente qualquer coisa por isso.

Winona forçou uma risada, mas ela não fluiu. Algumas vezes ela também se preocupava com isso. Até onde iria para conseguir a aprovação do pai?

– Toda esta conversa não vai dar em nada, porque eu sou gorda. Luke não vai querer sair comigo. Nunca quis.

Aurora lançou à irmã um olhar triste, familiar.

– Sabe o que mais me impressiona em você, Win?

– Meu intelecto apurado?

– Como você é injusta quando se olha no espelho.

– Quem diz isso é a ex-líder de torcida que ainda usa tamanho 36. – Winona se levantou. – Passe lá em casa às três amanhã, está bem?

– Estarei lá.

– E, Aurora, não conte a ninguém sobre isso. Principalmente Vivi Ann. Aquela atração estúpida foi há muito tempo. Não quero que ninguém pense que eu ainda me importo. Que droga, ele deve estar casado, com três filhos.

– Seus segredos sempre estiveram seguros comigo, Win.



Na tarde seguinte, Winona ficou olhando para si mesma no espelho de corpo inteiro de seu quarto. A moda da época não era favorável para pessoas de seu tamanho: ombreiras, jeans de cintura alta e justo nas pernas e botas de caubói dificilmente ajudavam sua causa.

Aurora havia feito o seu melhor e Winona apreciava o esforço, mas algumas tarefas estavam simplesmente destinadas a fracassar, e tentar deixá-la mais magra

era uma delas. Ela chutou as botas e chegou a de fato sentir alguma satisfação quando elas bateram na parede. No lugar delas, calçou um par de sapatilhas já desgastadas.

– Ele vai achar que eu não parei de comer desde que ele foi embora da cidade.

Durante todo o caminho até o carro e depois ao longo da cidade, ela ficou lembrando a si mesma que aquilo era um encontro profissional com um homem que agora mal conhecia. Sua queda por ele havia sido uma coisa de criança, não era substancial o bastante para durar.

Ela dirigiu pela praia, passou pelas lojas turísticas ao longo do canal e virou à esquerda no final da cidade. Ali ficava a fronteira da propriedade Water's Edge. Não pôde deixar de notar mais uma vez como as cercas estavam irregulares. Aquilo a fez lembrar da reunião do dia anterior com seu pai. Na autoestrada, dirigiu para o sul por 500 metros, depois virou na direção das terras de Luke. Embora os terrenos dos Greys e dos Connelys fossem adjacentes, as terras de Luke estavam vagas havia anos; a grama, mesmo no inverno, estava alta e abundante. Amieiros haviam brotado como ervas daninhas nos últimos anos, dando ao terreno uma aparência comprida, estreita e malcuidada. A antiga casa em forma de L, construída no início da década de 1970, precisava desesperadamente de uma demão de tinta e os arbustos ao redor haviam crescido de forma desordenada. Zimbros se entrelaçavam com rododendros, que, por sua vez, espreitavam em meio a azaleias.

Ela estacionou ao lado da grande picape de cabine dupla de Luke e desligou o motor.

– Ele só vai querer entregar os documentos e dizer “como é bom ver você depois de todo esse tempo”. Depois vai apresentar você à esposa e aos filhos.

Ela respirou fundo e saiu do carro.

A grama entre ela e a porta da frente estava empapada e marrom. Ela deixou pegadas que imediatamente se encheram com água lamacenta.

Na porta, passou a mão pelos cabelos que Aurora havia meticulosamente enrolado e fixado com spray. Então bateu.

Ele atendeu quase imediatamente – e foi o tempo que demorou para ela saber que estava em apuros.

Ele já era alto na escola, mas esguio e meio desajeitado. Aquele tempo já era. Ele agora tinha ombros largos e cintura estreita – o tipo de cara que frequentava a academia. Os cabelos ainda eram abundantes e castanhos, o complemento perfeito para seus olhos verdes.

– Win – disse ele.

E lá estava: o sorriso que sempre fizera seu coração disparar.

– Lu-Luke – gaguejou ela. – Eu passei para olhar aqueles documentos...

Ele a puxou e lhe deu um daqueles abraços de corpo inteiro que ela quase havia esquecido que existiam.

– Você acha que vou deixar minha melhor amiga da escola simplesmente pegar uns papéis e ir embora?

Ele a pegou pela mão e a conduziu pela casa. Estar naquele cômodo que havia mudado tão pouco nos últimos anos foi como entrar em uma máquina do tempo. O mesmo carpete com relevos e cor de laranja queimada estava sob seus pés, o mesmo sofá xadrez marrom, dourado e abóbora tomava conta da parede, as mesmas luminárias de vidro âmbar com interruptores cobertos de contatos estavam sobre as mesas laterais.

– A única coisa que falta é uma luz negra – comentou Luke, rindo ao abrir a geladeira verde-abacate e pegar duas cervejas. – A casa está com cheiro de mofo. Acho que os inquilinos eram fumantes. Você se importa de a gente sentar lá fora?

– Não seria a primeira vez.

Ela o seguiu até o grande pátio acimentado que acompanhava todo o comprimento da casa. À esquerda, uma churrasqueira enferrujava lentamente e dezenas de gerânios mortos sucumbiam em vasos ao longo da cerca, mas nada era capaz de depreciar a vista. Como Water's Edge, o terreno dava para o canal – calmo e prateado naquele fim de tarde – e para as montanhas Olympic recortada e coberta de neve na outra margem. Um bosque cerrado garantia total privacidade entre as propriedades. Eles se sentaram na namoradeira de balanço que já tinha sido o lugar preferido de Winona no mundo.

– Acho que devemos começar com o básico – disse ele, abrindo sua cerveja e inclinando-se para a frente para dar um gole. – Depois que nos mudamos para Montana, acabei indo para a Universidade do Estado de Washington estudar veterinária. Animais de grande porte. Você estudou onde?

– Na Universidade de Washington. Me formei em direito.

– Achei que você fosse fugir para conhecer o mundo. Fiquei surpreso quando soube que havia voltado.

– Precisavam de mim em casa. E você? Chegou a ir para a Austrália?

– Que nada. Muitos empréstimos estudantis para pagar.

– Sei do que está falando. – Ela riu, mas quando parou, o dia pareceu quieto demais. – Você se casou? – perguntou ela calmamente.

– Não. E você?

– Não.

– Nunca se apaixonou?

Ela não conseguiu deixar de olhar para ele.

– Não. E você?

Ele negou com a cabeça.

– Nunca encontrei a garota certa, eu acho.

Winona se recostou, olhou para a vista.

– Sua mãe deve ter detestado quando você saiu de casa.

– Que nada. Caroline tem quatro filhos e não tem marido. Isso mantém minha mãe ocupada a maior parte do tempo. E ela sabia que eu estava ficando impaciente.

– Impaciente?

– Às vezes é preciso sair à procura da vida. – Ele tomou um gole de cerveja.

– Como estão suas irmãs?

– Bem. Aurora conheceu um cara chamado Richard há alguns anos, um médico, e eles têm gêmeos de 4 anos. Ricky e Janie. Acho que estão todos bem, mas é difícil saber quando se trata de Aurora. Ela sempre quer ver todo mundo feliz, então não fala muito sobre o que a incomoda. E Vivi Ann continua a mesma. Espontânea. Cabeça-dura. Mergulha primeiro e pensa depois.

– Comparado a você, ninguém pensa o bastante.

Winona não pôde conter o riso.

– O que posso dizer? Sou sempre a pessoa mais inteligente do recinto.

Eles caíram em um silêncio amigável, olhando para o campo malcuidado, tomando suas cervejas, então, lentamente, Luke disse:

– Acho que vi Vivi Ann saindo do posto de gasolina ontem.

Winona notou algo em sua voz, uma pequena mudança de tom que a deixou em alerta.

– Ela estava indo para o Texas. Ganha muito dinheiro em rodeios de fim de semana. E conhece muitos caubóis bonitos também.

– Não estou surpreso. Ela é linda – afirmou ele.

Winona havia escutado essa frase de homens a vida toda. Normalmente eram seguidas por: *Acha que ela sairia comigo?*. Sentiu seu corpo ficar tenso, recolhendo qualquer ponta de esperança que ela houvesse se permitido nutrir.

– Entre na fila – murmurou baixinho.

O que estava pensando, afinal? Ele era bonito demais para ela; era perigoso se permitir esperar alguma coisa. Principalmente agora que ele tinha visto a linda Vivi Ann.

– É bom estar de volta – falou Luke, batendo o ombro no dela como costumavam fazer quando eram crianças, quando eram melhores amigos, e de repente seus próprios alertas ficaram fora de seu alcance, engolidos pelo silêncio.

– É – respondeu ela, não ousando olhar para ele. – É bom ter você por perto.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br